

WLADIMIR OLIVIER

# ALMAS NAS SOMBRAS

(POESIAS MEDIÚNICAS)

ESPÍRITOS DIVERSOS

# ÍNDICE

- 1.— Encruzilhada poética .....
- 2.— O objetivo poético .....
- 3.— O tema principal .....
- 4.— Alma nas sombras .....
- 5.— A primeira deliberação .....
- 6.— A caracterização do medo .....
- 7.— Um olhar para o exterior .....
- 8.— Um olhar para o interior .....
- 9.— Metafórica mente .....
- 10.— Penosa condição .....
- 11.— A vontade se depura .....
- 12.— O poder da rima .....
- 13.— Gerando a dívida .....
- 14.— A fonte da inspiração .....
- 15.— Escandir para aprender .....
- 16.— Soneto meio enigmático .....
- 17.— Enigma decifrado .....
- 18.— Em sete minutos .....
- 19.— O Empuxo poético .....
- 20.— O desafio poético .....
- 21.— A necessidade real .....
- 22.— Tempo e sofrimento .....
- 23.— Inútil exemplificação .....
- 24.— Conhecimento inútil .....
- 25.— A finalidade da poesia .....
- 26.— Sob as virtudes teológicas .....
- 27.— O clima no grupo de poetas .....
- 28.— Esqueçamos o mal .....
- 29.— A eficácia da dor .....
- 30.— Outra visão dos versos .....
- 31.— Penosa recordação .....
- 32.— A triste verdade .....
- 33.— Simples lenitivo .....
- 34.— Só uma pílula .....
- 35.— Os bons oram sempre .....
- 36.— Trágica confusão .....
- 37.— Simples recordação .....
- 38.— Acanhado progresso .....
- 39.— Notícia íntima .....
- 40.— Como quem nada quer .....
- 41.— Triste lembrança espírita .....
- 42.— Por fora, bela viola... ..

- 43.— O bode expiatório .....
- 44.— Ora, pois!... ..
- 45.— Recomendação judiciosa .....
- 46.— Lê *rima*; entende *alma* .....
- 47.— Obsedado obsessor .....
- 48.— Reflexão irrefragável .....
- 49.— Ciranda existencial .....
- 50.— Não há outra forma .....
- 51.— Meio sem jeito .....
- 52.— Pequenos segredos mediúnicos .....
- 53.— Sobre a exigência de qualidade .....
- 54.— *Dancei* .....
- 55.— Indícios de melhoria .....
- 56.— Sinais de inferioridade .....
- 57.— Conselhinho gratuito .....
- 58.— Desvencilhando-se do dever .....
- 59.— Recebendo incentivo .....
- 60.— Acreditando nos incentivos .....
- 61.— Explicando a atitude .....
- 62.— Não diga: — *Não beberei*... ..
- 63.— Retrato fiel .....
- 64.— Justifica-se a trova .....
- 65.— Sobre a crença .....
- 66.— Apesar de tudo .....
- 67.— Uns avessos .....
- 68.— Por São Tomé! .....
- 69.— Pensando no leitor .....
- 70.— Panificação poética .....
- 71.— Sedimenta-se a confiança .....
- 72.— Versos, apesar de tudo .....
- 73.— Resultado da coerção .....
- 74.— Enquadrando-se .....
- 75.— Sob efeito de poesia .....
- 76.— O efeito declarado .....
- 77.— Em busca doutro efeito .....
- 78.— O nosso máximo .....
- 79.— A carência declarada .....
- 80.— Vale como tentativa .....
- 81.— Enfim um sentimento! .....
- 82.— Exemplo de resignação .....
- 83.— Pensando na comunidade .....
- 84.— Reflexão sobre a forma .....
- 85.— Erguendo a ponta do véu .....
- 86.— Preparando a exposição .....
- 87.— Minha prece .....
- 88.— Exemplo pessoal .....
- 89.— O circunlóquio .....

- 90.— Em nome do Senhor .....
- 91.— Em segredo .....
- 92.— O tempo urge .....
- 93.— Apesar de tudo .....
- 94.— Exercício poético .....
- 95.— Brincando com seriedade .....
- 96.— *Chez nous* .....
- 97.— Sob a luz de Kardec .....
- 98.— Desnudando o sentimento .....
- 99.— Sofro ainda .....

## 1. Encruzilhada poética

Não quero perturbar o meu leitor,  
Levando-lhe problemas cá do etéreo.  
Mas como vou tratar de tema sério,  
Se não lhe demonstrar que sinto dor?

O menos, para nós, é o cemitério,  
Que vai ficando em plano inferior;  
O mais está em ter com que compor,  
Para alcançar, no espaço, refrigério.

Assim, é de rigor que haja alegria  
Em cada verso limpo, que se faça  
Modelo de primor, nesta poesia,

O que vai alcançar-se pela graça  
De sugerir que alguém melhor faria,  
Se utilizasse amor, enchendo a taça.

## 2. O objetivo poético

Reclama o caro médium do vagar  
Com que coloco aqui cada versinho.  
Procuro demonstrar-lhe o meu carinho,  
Dispondo de paciência, ao versejar.

Bem sei que do padrão eu me avizinho  
Dos textos que esta turma vem mostrar,  
Mas nada que aqui deixe com pesar  
Irá trazer mais luz para o caminho.

O bem deste momento se esfacela,  
Se a trova fracassar e der em nada,  
Ainda que, na forma, seja bela.

Por isso, esta figura está marcada  
Pela contribuição que dá a ela  
O bom leitor amigo, que se agrada.

### 3. O tema principal

Inteiramente falso é o vezo antigo  
Que vê na trova apenas irrisão  
E teima em repetir o mesmo *não*,  
Sabendo que com ele eu já não brigo.

Nos versos meus, um dia, encontrarão  
Algo de bom que eu traga aqui comigo;  
Então, a trova não porá em perigo  
Quem venha com amor no coração.

Minha esperança está, neste momento,  
Fundamentada, sim, num bom rascunho,  
Que passo, linha a linha, sem tormento,

Como se cá escrevesse com meu punho:  
O verso é bem ruim mas me contento  
Em dar desta existência testemunho

### 4. Alma nas sombras

Pretendo ministrar minhas lições  
Com base nos ensinamentos que sofri.  
Estando muito tempo por aqui,  
Eu sei quais são meus trágicos senões.

Quando na Terra, a vida que vivi  
Deixei de registrar nos corações.  
Queria aqui sentir mais emoções:  
Estava desasado o colibri.

Assim são os princípios desta dor,  
Que exponho rudemente no soneto.  
Estética linguagem vou propor,

Mas sei o quanto o verso há de ser preto,  
Porquanto o resultado é inferior,  
Enquanto estiver preso neste gueto.

## 5. A primeira deliberação

Esforço-me e apresento um resultado  
Que pode disfarçar o sofrimento,  
Mas, por ser belo, é que bem mais lamento  
O verso, que pretendo pôr de lado.

O mestre vem dizer que eu já me aguento,  
Que devo resistir, que existe agrado  
Da parte do leitor que persuado  
A examinar o mesmo sentimento.

Então se enche de fé meu coração,  
Acreditando um pouco nesta lavra,  
Porque, se eu digo *sim* a quem diz *não*,

Talvez vá conseguir que pense mais  
Em que tem bom sentido esta palavra  
Que ponho junto ao mal: fazer jamais!...

## 6. A caracterização do medo

No aguardo da resposta do leitor,  
Eu vou fazendo versos verdadeiros,  
Em que mostro os meus crimes, os primeiros,  
Que sei que vou pagar, ao vir compor.

Pensei os meus sonetos pioneiros  
Em revelar um ser inferior,  
Mas tive de aguentar tremenda dor  
Ao ler as trovas tristes dos parceiros.

Disseram ser alegre este trabalho,  
Ao menos por chegar a um bom final.  
Mas nesse sentimento eu me embaralho,

Porque não sei livrar-me do meu mal.  
O medo é que tal dor na rima espalho  
E tenha de ver sempre a vida igual.

## 7. Um olhar para o exterior

*“Não sei se terei tempo p’ra poesia”,*  
Pensava enquanto via o bom trabalho  
Do grupo a redigir, sem quebra-galho  
Do médium, que melhor jamais faria.

Imaginei então: *“Vou ver se malho*  
*O texto, p’ra dizer desta alegria,*  
*Pois sei que me vou pôr na galeria*  
*Dos que vêm retratar-se de espantelho.”*

As lágrimas que correm pela face  
Não quero já esconder atrás da rima,  
Pois, mesmo que o meu tempo agora passe,

Eu sei que um verso apenas não sublima  
O sentimento rústico que achasse  
Um meio de encerrar de forma opima.

## 8. Um olhar para o interior

Quisera aqui deixar um verso lindo,  
Capaz de iluminar a mente humana,  
Mas tudo o que componho não promana  
De coração feliz, pois vou falindo.

O grupo fica triste e então se irmana,  
Querendo que este verso vá polindo;  
E, quando não consigo, vão bulindo  
Até encontrar um termo bem bacana.

Eu sei que estou apenas no começo  
Desta carreira, sem qualquer talento,  
Mas, quando faço a trova, pago o preço,

Segundo o estipulado no momento:  
Se o coração ao bem eu ofereço,  
É certo que as virtudes mais aumento.

## 9. Metafórica mente

Espezinhei o médium, sem pudor  
De vê-lo aqui sofrendo pela trova,  
Porém, seu sentimento me comprova  
Que não é dele a rima inferior.

Resquícios trago ainda lá da cova  
Em que fiquei imerso, sem repor  
As esperanças de sentir o amor,  
Que amor não é em dor que se renova.

P'ra ser feliz nos versos, devo ainda  
Eliminar da mente os preconceitos  
Que fazem a ruindade quase infinda.

Depois, os escolhidos e os eleitos  
Preciso confirmar, em rima linda.  
Para o final dispor em sons perfeitos.

## 10. Penosa condição

Pretendo melhorar meu desempenho,  
Na discussão dos temas cá do etéreo,  
No entanto, por enquanto, é só mistério  
O que penso maior, quando aqui venho.

Lembranças, só lembranças — isto é sério! —,  
É que carrego em mim: é só o que tenho.  
O médium me põe medo com o cenho,  
Energizando a mente, em refrigério.

Portanto, ao versejar, me esforço tanto  
E vou fazendo a trova com esmero,  
Elucidando a morte, com meu canto,

Para afastar de mim o desespero  
De repetir os temas do acalanto  
Com que faço dormir, neste exagero.

## 11. A vontade se depura

Resulta que não tenho a propriedade  
De despertar o gênio que verseja:  
Aquilo que p'ra muitos mais sobeja  
Me falta, pelo mal da tal saudade.

Alguém que me disser que é da cerveja  
Que trago o sentimento que me invade,  
Eu vou lhe responder que é bem verdade,  
Porquanto a tal loirinha cá preteja.

Poesia de *bebum* não tem futuro,  
Nem quando aqui composta com ardor,  
Mas quero melhorar, por isso eu juro

Que a rima alcançará sutil sabor,  
Que é bom de se lembrar dum chope escuro  
Tomado em companhia, e com amor.

## 12. O poder da rima

Bem sei que gracejar não é de lei,  
Para alcançar que a trova fique alegre.  
É que o desejo existe que se integre  
O bom leitor em nossa amável grei.

Embora a rude norma não se regre  
Pela impressão de amor que registrei,  
Por certo mais feliz eu ficarei,  
Se apenas exercer função de *nègre*.

Preciso vir dizer o quanto estranho  
A rima que montei na estrofe acima,  
Por sugestão do grupo, pois tacanho

Eu tenho o cabedal que legitima  
O fato de ser pobre o meu rebanho,  
Que tive de tanger montanha acima.

### 13. Gerando a dívida

Jesus, prometo que não vou desperdiçar  
Esta visão que tenho agora do trabalho:  
Se aqui não faço nada além de forte ralho,  
Também terei de oferecer algo exemplar.

Já no princípio, a minha turma quebra o galho  
E vai dizendo como eu devo versejar,  
P'ra conseguir um verso bom, sem vacilar,  
Nesta alegria que me dá se o bem espalho.

Mais oportuno para a trova é ser pequena,  
Mas o direito que aqui tenho é o do dever  
De demonstrar que a disciplina vale a pena.

Então, eu dou meu contributo em bem-querer,  
Pois mais que isso nada sei, que a rima acena  
Com prece simples, onde ponho o meu poder.

### 14. A fonte da inspiração

Se cá chegasse, de repente, um bom poeta  
E desejasse versejar com bela rima,  
Talvez fizesse, com vigor, uma obra-prima,  
Pois, com certeza, esta que faço é incompleta.

Tendo mudado o meu compasso, mais se anima  
Quem tenha lido a minha trova, que interpreta  
Os sentimentos fugidios deste pateta,  
Que aqui pretende demonstrar que se sublima.

Mas, com Jesus, já posso até ter esperança  
De melhorar minha postura frente ao verso:  
Com otimismo, esse ideal sempre se alcança.

Vou-me esquecer que tantos fiz com ar perverso,  
Pois tenho fé de que a virtude um pouco avança,  
Se respeitar o Ser que fez este Universo.

## 15. Escandir para aprender

Estou contente, pois já fiz a terça parte  
Deste trabalho, que me dá satisfação.  
Talvez não tenha demonstrado inspiração,  
Mas aprendi que, com esforço, alcanço a arte.

Não é p'ra logo que os leitores acharão  
Alguma trova que mereça em livro encarte,  
Que, deste jeito, hei de sofrer tremendo enfarte,  
Porque não sei equilibrar meu coração.

Fica a promessa que a Jesus eu fiz acima,  
Pois para o bem é que versejo, sem temor  
De entediar quem pelas trovas tenha estima.

Porém, preciso aqui dizer que, ao recompor  
O sentimento pelo próximo, na rima,  
Eu descobri que já compreendo o que é o amor!

## 16. Soneto meio enigmático

Estou muito contente que já tenha  
Composto um bom soneto, noutro dia,  
Mas isso só me aumenta esta ousadia  
E põe-me prevenido quanto à senha.

O mestre me pediu mais alegria,  
Fazendo que a promessa se mantenha  
De vir jogar no fogo a melhor lenha,  
Pois é virtude a forma da poesia.

Fui estudar um pouco o catecismo  
Em que se dão conselhos para o verso.  
O que mais ressaltou neste organismo

É que o sentido deve ser diverso  
Do termo filosófico em que cismo  
O que melhor revela este universo.

## 17. Enigma decifrado

Linguagem figurada, p'ro mortal,  
É o que melhor define a melodia.  
Se a rima se repete, se arre pia  
E muda o pensamento de canal.

Também devo falar com harmonia,  
Devendo o som não ser o mais normal,  
Buscando, além de tudo, o original,  
Que, se for bronco, o mesmo ele faria.

Mas devo criticar toda ruindade  
Que sinto dentro d'alma e transparece  
Nos versos que disponho por vaidade.

Aí é que o princípio o gajo esquece  
E fica só na rima, porque há de  
Levar o bom leitor à sua prece.

## 18. Em sete minutos

Estimo que já tenha terminado  
A ânsia do meu médium sofredor:  
Pensava que ninguém vinha dispor  
Do tempo que era pouco p'ro ditado.

Então, vim escrever com mais vigor,  
Pois disso tenho gana e mais me agrado,  
Realizando a trova do meu lado,  
Na luta por um texto de valor.

Expresso a minha pressa pois preciso  
Deixar que a lixa chegue junto à unha,  
Pois aparar a trova é pôr mais siso

Em cada verso alegre, que o bem cunha,  
Para atrair quem leia, com o aviso  
De que deve do amor ser testemunha.

## 19. O empuxo poético

Não posso oferecer meu coração,  
Sem antes desfazer-me da maldade:  
Se tanto o tal remorso o ser me invade,  
Também vou respeitar meu bom irmão.

Assim, o que desejo, de verdade,  
É pôr no verso um gesto de afeição  
Que venha a conquistar quem mais diz *não*,  
Porquanto o amor a todos persuade.

Quem for gentil na trova desta esfera  
E se dispõe a dar de si o melhor,  
É claro que uma prece o gajo espera,

Embora saiba bem não ter de cor  
O tracejado rústico, e se esmera,  
Para fazer da rima algo maior.

## 20. O desafio poético

Evidenciei a forma que se ajusta  
Às turbulências trágicas do mal,  
Mas devo parecer mais natural,  
Porquanto um desarranjo muito custa.

Se não componho aqui um verso tal  
Que determine a ação da trova brusca,  
O mais que se fizer de bom se ofusca,  
Perante o descompasso mais banal.

O feito está perfeito enquanto tema,  
Mas a linguagem treme e se desfaz  
No tanto de vontade em que se extrema

Esta volúpia imensa e tão voraz  
De resolver da dor um só problema,  
Para gozar a rima em boa paz.

## 21. A necessidade real

Não tenho a pretensão dum verso bom,  
Porquanto a minha briga é monumento.  
É que, sem ter um grão de amor, aumento  
A precisão atroz do melhor som.

Se cá pudesse pôr, por um momento,  
O meu sistema a compartilhar o tom,  
A cor iria ter mescla marrom,  
No negro desbotado, sem talento.

Contento-me com pouco e desespero,  
Sabendo o resultado tão ruim  
Que prosseguir aqui já não mais quero,

No aguardo de chegar logo ao meu fim,  
Fazendo o tal pedido forte e vero:  
— Oh! Pelo amor de Deus, orem por mim!

## 22. Tempo e sofrimento

Contrista-me saber que meu futuro  
Se liga ao meu passado de maldade.  
Se, no presente, o medo mais me invade,  
Não posso da virtude estar seguro.

Existe um ponto lá na eternidade  
Em que serei angelical e puro,  
Mas qual será o remédio com que curo  
O vício de sentir tanta vaidade?

Eu sei quais são os males que me afetam  
E fiz promessas mil de contenção,  
Mas, quando os meus desejos se projetam,

Ansioso por vingar-me dum irmão,  
Aí os meus sentidos não se aquietam  
E fica mais distante a salvação.

## 23. Inútil exemplificação

Controlo-me perante o bom leitor  
E passo-lhe esta imagem de poeta,  
Mas bem melhor faria se completa  
Pintasse a sensação de tanta dor.

Talvez fosse melhor que mais discreta  
Tornasse a minha trova, ao vir propor  
A quem sentisse afeto ou mesmo amor  
Que recitasse a prece predileta.

Perturbo-me e não sei o que escrever,  
Ansiando por mostrar como é que estou,  
Porque jamais cumpri com meu dever.

No exemplo em que pretendo dar um *show*  
De como não se deve aí viver,  
Apenas mostro um verso que murchou.

## 24. Conhecimento inútil

Existe certa graça no que digo,  
Porque de mim me rio sem piedade,  
Mas acho que a consciência já se invade  
De certa prevenção quanto ao perigo.

Eu peço a Jesus Cristo claridade,  
O que, por mim somente, não consigo.  
Então me vem à mente um inimigo,  
Embora a tal lembrança não me agrade.

Devia perdoá-lo e, mais, amá-lo,  
Porque depende disso o meu avanço,  
Mas temo que odiar é o meu regalo,

Embora venha a mim sereno, manso,  
Querendo ver do amor se tenho o estalo,  
Porém, da resistência não me canso.

## 25. A finalidade da poesia

Preciso interessar-me pela rima,  
Pois, do contrário, vou entediar-me.  
Preciso provocar da dor desarme,  
Ou o meu bom leitor não mais se anima.

É hora de se ouvir do mal o alarme,  
Que a prevenção do bem o mestre estima.  
É na virtude que o processo arrima,  
Para criar amor com que emendar-me.

Sutil o compromisso que assumi  
De vir falar de mim sem restrições,  
Porém, as vibrações que sinto aqui

Me fazem mais pensar nos corações  
Que, um dia, aí na Terra, eu compungi,  
O que me obriga agora às confissões.

## 26. Sob as virtudes teológicas

Tercetos e quartetos eu compus,  
Elucidando o tema na escansão.  
Não quis fazer da rima cantochão  
E vim para escrever, com pouca luz.

O resultado é triste — por que não,  
Se é triste carregar a minha cruz?!  
Mas eu rezei também para Jesus,  
Que fez bem mais feliz o meu refrão.

Assim, eu recomendo que se leia  
A trova, na esperança de encontrar  
A rima que dará, inda que feia,

Os meios de chegar aos pés do altar,  
Porquanto esta virtude cambaleia,  
Sem fé, sem caridade e até sem ar.

## 27. O clima no grupo de poetas

Ao pôr neste estribilho o meu problema,  
Não quero que se assustem os leitores:  
Aqui também vivemos bons amores,  
No amparo que nos damos para o tema.

Esquecem-se os poetas das tais dores  
E fazem para a trova um bom esquema,  
De sorte que não há ninguém que trema  
De medo da opinião dos instrutores.

Uns têm de si talentos especiais;  
Outros aprendem logo a ser modestos.  
Aqueles querem sempre um pouco mais;

Estes procuram não sofrer doestos.  
Todos queremos demonstrar-nos tais  
Quais somos nestes versos muito honestos.

## 28. Esqueçamos o mal

Caminho mais tranquilo pelo etéreo,  
Depois que percebi que tenho ajuda.  
Assim, na minha trova, o bem se escuda,  
Ao revelar um pouco do mistério.

Não formo privilégios ao que estuda  
Um meio de mostrar o quanto é sério  
O emprego desta rima em refrigério  
Da dor que sente ainda tão taluda.

É bem melhor dizer que estou feliz  
Na produção do verso que me ilustra,  
Ainda que não faça o que mais quis,

Porquanto, sem talento, o dom se frustra,  
Mas tenho o que cantar, e, por um triz,  
No apelo a que me forço a Zaratustra.

## 29. A eficácia da dor

É justo e é mesmo bom viver em paz,  
Nas lides do progresso coletivo:  
Eu tive um inimigo; hoje convivo  
Com quem tanto odiei tempos atrás.

Jesus foi quem provou que o corretivo  
Tem de passar por crise tão voraz,  
Se, ao resistir, o gajo for capaz  
De incrementar a dor, incompreensivo.

Aí, o sofrimento se acentua  
E chega a provocar tanta revolta  
Que o gajo vê que a culpa é toda sua.

É quando uma oração d'alma se solta  
Que a rebeldia cansa e se atenua  
E a gente se aproxima, sem escolta.

## 30. Outra visão dos versos

A trave do meu olho enxergo agora  
E tudo vou fazendo p'ra tirá-la,  
Enquanto o coração não mais se cala,  
Que é fácil desarmar, se o gajo chora.

Aí, chega um sorriso que me abala,  
Que o mestre vem mostrar, pois não deplora  
A rima que rasteja, explode ou gora,  
Porquanto o meu trabalho aroma exala.

Alguns se empenham tanto p'ra que a forma  
Mantenha os bons padrões da norma estética.  
P'ra mim, o conteúdo se reforma

E fujo de fazer que seja atlética  
A minha ação primária, pois transforma  
Em músculos, apenas, a poética.

### 31. Penosa recordação

Aos trancos e barrancos, eu cheguei,  
Após haver logrado os inimigos,  
Mas não pude evitar certos perigos,  
Que o sofrimento aqui está na lei.

Se nada fiz de bom, sofro os castigos  
E tenho de sofrê-los, pois errei.  
Ao ser agasalhado pela grei,  
Eu pude compreender os mais antigos.

Pedi perdão ao Pai e fiz promessa  
De responder aos crimes com o bem.  
O meu remorso acalma mas não cessa

De me acusar o mal, lembrando alguém  
Que, ensanguentado pus, culpado à beça,  
Que veio para cá sofrer também.

### 32. A triste verdade

O tempo que passou: duzentos anos,  
Dês que cheguei aqui estropiado.  
Agora, o corpo etéreo remendado  
Me deixa parecido co'os humanos.

Se venho lhes contar é que me agrado  
De ter sofrido tanto tais enganosa?!  
Não pensem que me rio: são insanosa  
Os sentimentos d'alma deste lado.

E me arrependo ainda, porque sinto  
Que tenho de voltar ao chão do mundo.  
Alguém irá pensar que agora minto,

Por ver que me debato, lá no fundo  
De trevosa consciênciã, mas não pinto  
Um pérfido retrato, ou me contundo.

### 33. Simples lenitivo

Não quero ler a trova de ninguém  
Que venha revelar seu sofrimento,  
Mas hei de aqui penar, pois não aguento  
Deixar para depois compor também.

Então, eu rezo a prece em que lamento  
Não ter na vida dado para o além  
Toda atenção devida, pois não tem  
Sentido suspeitar que a dor invento.

Ao menos, o meu verso me enfraquece  
A sensação ruim de ser inútil  
O mal que me atormenta e me emudece;

E venho atenuar o triste tédio  
De ver meu coração inchado e fútil  
Do pranto que derramo neste assédio.

### 34. Só uma pílula

Estranhamente, sinto-me melhor,  
Sem nada aqui ter feito aproveitável  
Nem mesmo a minha rima é tão louvável,  
Pois poucas é que eu trago já de cor.

Assim, mesmo esta trova é improvável  
Que fuja de tornar-me bem pior  
Aos olhos do leitor que quer maior  
O leque das ofertas do saudável.

Poesia de miséria contundente  
O laço que nos une nas esferas.  
O tema mais induz do que presente

O quanto o tempo corre nas esperas  
De vir alguém trazer, mais seriamente,  
As luzes que p'ra mim são só quimeras.

### 35. Os bons oram sempre

Preciso confessar que tenho medo  
De não chegar ao fim desta poesia.  
Eu sei que alguém, no meu lugar, faria  
Algo melhor até num arremedo.

Mas devo cortejar, na melodia,  
O povo que me lê, pois, sendo azedo  
O verso que componho desde cedo,  
Aí, vai fracassar minha alegria.

Eu peço, pois, a prece costumeira  
Que se dedica às almas mais sofridas,  
Que alcançarei ainda que requeira,

Sem demonstrar os males e as feridas,  
Porquanto a minha trova é tão fuleira  
Que por si só promove as tais medidas.

### 36. Trágica confusão

No aguardo de melhores providências,  
Assisto às minhas aulas com bom gosto,  
Mas, ao lembrar-me deste rude posto,  
Um frio na espinha traz as emergências.

Se cá expusesse as rugas de meu rosto,  
Iriam duvidar que as tais falências  
Residem igualmente nas consciências  
De todos que aparecem para o encosto.

É que a poesia esconde em seu compasso  
O quanto dessa dor me atinge ainda;  
E muito mais, se a trova é só o bagaço

Da aspiração que, um dia, eu cri infinda,  
Que redundou, na vida, o meu fracasso,  
Porque pensei que a lida fosse linda.

### 37. Simples recordação

Estamos desejosos por mostrar  
Os nossos bons sucessos na poesia,  
Mas, como tudo é fruto da alegria,  
Pedimos que respirem nosso ar.

Aí, será fatal a nostalgia  
Dos tempos em que tínhamos um lar  
Em festa permanente de bazar,  
Na Terra, onde a luz se enfraquecia.

A hora de morrer não chegou cedo,  
Porque nossa carcassa estava gasta,  
Mas, assim mesmo, foi tão grande o medo

Que precisou o mestre dar um basta  
Às lágrimas sentidas do degredo,  
Que a sorte parecia ser madrasta.

### 38. Acanhado progresso

Mostrei que progredi em toda linha,  
Porque, quando cheguei, estava tonto.  
Agora p'ra poesia já me apronto,  
Embora a rima seja bem levinha.

Espero que o leitor me dê desconto,  
Porque jamais castigo o que se apinha  
Em lúgubre roteiro, pois me espinha  
O que me atemoriza e cá não conto.

Mas vou dando ao soneto outra demão,  
Que um pouco de emoção nos fará bem,  
Se for de paz o agito do refrão.

Aí, vou convidar: — Faça também  
Um verso em que se alegre o coração,  
Agradecendo ao Pai por mais alguém...

### 39. Notícia Íntima

Não quero ser sutil em cada rima,  
Porque quero a virtude declarada,  
Porém, quem tudo quer não leva nada,  
Sem alcançar sequer a sua estima.

Então, o bom amigo vê calada  
A trova que eu não quis, embora, acima,  
Se tenha prometido uma obra-prima,  
Na forma tão preciosa e rebuscada.

Eu quero conteúdo, e encontro dor;  
Eu busco ser alegre, e já estou triste;  
Pretendo estimular o meu leitor,

E vejo o mestre aqui de dedo em riste;  
Esforço-me na hora de compor,  
E choro ao perceber que o mal me assiste.

### 40. Como quem nada quer

Eu tenho a minha quota, Wladimir:  
Não queira improvisar na minha frente.  
Se o fim for bom, eu vou ficar contente;  
Mas, se for mau, é dor que vou sentir.

Vão suspender-me a trova diferente,  
Porque medrou a rima do porvir,  
Num verso simples que me faz agir,  
Para dizer do amor que o gajo sente.

Mas, como o tal produto traz a cisma  
De quem moureja muito p'ra entender  
Como se dá tão bem quem não se abisma

Perante o compromisso do dever  
De revelar ao povo o cataclisma,  
Eu vou pedir ao Pai esse poder.

## 41. Triste lembrança espírita

Não devo conservar, aqui no etéreo,  
O mesmo pensamento contrariado  
Que me causou tremendo desagrado,  
Até quando cheguei ao cemitério.

Por mim já se aguardava deste lado,  
Trazendo o caro mestre o cenho sério,  
Porque não fui capaz de um refrigério,  
Ao me acusar de crimes mui culpado.

Mas muitos ajudei enquanto vivo,  
Porque me parecia o gesto justo.  
E foi no Cristianismo redivivo

Que me integrei, mas grande foi o custo,  
Porque eu pensava: *Eis que aqui convivo  
Com tanta gente alegre; e eu vetusto...*

## 42. Por fora, bela viola...

Simplicidade eu quero nesta rima,  
Para falar do bem que pratiquei,  
Pois dava aos meus bons súditos de rei,  
Distribuindo coisas, sem estima.

Uma palavra amiga sempre dei,  
Que um bom conselho o gajo sempre anima,  
Mas não busquei amar que amar intima  
A integrar a gente em nossa grei.

Por isso esta consciência que me acusa  
De ter mais rejeitado os companheiros,  
Embora se inscrevesse em minha blusa

A frase dos melhores seareiros:  
*O amigo que do amor bastante abusa  
Há de chegar ao Céu entre os primeiros!*

### 43. O bode expiatório

Apressa-me o escrevente e faço a jato  
Um bom soneto, cheio de virtude,  
Porém, não vou querer que ele me ajude,  
Pois sei, na circunstância, dar de gato.

O pulo a que na rima o verso alude  
É p'ra evitar que o povo, num boato,  
Espalhe a novidade que desato  
Aquele nó severo da atitude.

Aqui cheguei alegre como quê  
E disse para mim: — *Vai ser você*  
*Que há de mostrar a trova mais ruim* —,

Porquanto esta humildade que se vê  
Só gera um sentimento mui chinfrim  
No coração de quem se sente assim.

### 44. Ora, pois!...

Estando concentrado para o verso,  
Imaginei-me autor de bela trova.  
Fui vasculhar refolhos desta prova  
E vi que nada havia controverso.

É que o procedimento meu comprova  
O quanto estou metido em mim, imerso  
Nas cismas do sentir que sou perverso,  
A ponto de dizer que a rima é nova.

Aí, o meu sorriso se amarela,  
Pois vejo o quanto estou dependurado  
Na corda que amarrei em torno dela,

P'ra demonstrar que sofro deste lado,  
Querendo e não querendo seja bela  
A estrofe em que esperneio, amargurado.

#### 45. Recomendação judiciosa

Contrastes filosóficos, apenas,  
Demonstro nos meus versos pequeninos:  
Quisera mais cantar, em nobres hinos;  
Tornei minhas estrofes tão amenas.

Brincar, brinquei, que os termos são meninos,  
Embora as minhas dores trazem penas,  
Pois tu, ó bom leitor, com luz me acenas,  
Por mim rezando preces com ensinamentos.

Em Portugal vivi, num'outra idade;  
Depois me transportei cá p'ro Brasil.  
No coração, eu trouxe uma saudade,

Que, cá no etéreo, mais parecem mil.  
Se a solução do verso persuade,  
Não queiras vir passar por tal funil.

#### 46. Lê rima; entende alma

Um dia, mais feliz eu estarei,  
Ao ajudar-te aqui, nos versos teus.  
Aí, irei dizer: *Graças a Deus,*  
*Eu posso reunir-te a minha grei!*

Mas tu dirás, então, que os cireneus  
Não cumprem simplesmente a melhor lei,  
Que amor não traz ao coração do rei  
Toda alegria, por reinar no adeus.

Mas até lá terei um tempo infundo  
P'ra burilar a rima que, confusa,  
Pensei de pôr no verso, p'ra ser lindo.

Então, talvez comprove que se abusa  
Deste recurso nobre, em que vou indo  
Para pedir desculpa pela musa.

## 47. Obsedado obsessor

Não quero aborrecer o amigo médium,  
Mas devo prosseguir no meu esforço,  
Fazendo, na poesia, um leve escorço  
Que sirva p'ro leitor como remédio.

Assim, devo dizer que sigo o curso.  
Usando o bom amigo p'ro intermédio  
Que exige quem não quer dar-se ao assédio,  
Pois cansa aqui ficar sobre o seu dorso.

Por isso, eu vou ditando bem seguro,  
Enquanto você bate em suas teclas.  
Se não se atrapalhar, por Deus eu juro:

Nós vamos indo embora, pois é triste  
Estarem cá presentes meus asseclas,  
Inúteis para a rima, dedo em riste.

## 48. Reflexão irrefragável

Preciso criar fôlego p'ra vida  
Que levo a formular nestes poemas:  
São tantos os mistérios, nos meus temas,  
Que o mestre a meditar sempre convida.

Preciso resolver tantos problemas,  
Mas sempre encontro aqui boa saída.  
Às vezes, a poesia é construída,  
Mas muitas mais não passam que dilemas.

O fruto vem colher quem me respeita,  
Porque bem se imagina cá no etéreo  
A propiciar aos outros tal colheita,

Mas, como o meu assunto é sempre sério,  
A forma do soneto mais se estreita  
E assim aqui revelo um só mistério.

## 49. Ciranda existencial

O tempo que dedico a esta escansão  
Retiro dos momentos de lazer;  
O mais é só cumprir muito dever,  
Que é proibido aqui vir dizer *não*.

Pretendo orientar meu bem-querer  
Nas rimas, e os leitores saberão  
Que tenho estimulado o seu padrão,  
Nas luzes que acendi com meu poder.

Voltar para sofrer aí na Terra  
É o fato mais real p'ra maioria,  
Porquanto esta existência não se encerra

Na forma deliciosa da poesia.  
Preciso, pois, vencer um'outra guerra,  
Para subir ao Céu em harmonia.

## 50. Não há outra forma

O estilo dos meus versos se reflete  
No tema que apresento em desalinho.  
Bem sei que fui chegando de fininho,  
Querendo mais pintar aqui o sete.

Mas tanto foi o amor, tanto o carinho,  
Que o sentimento n'alma se intromete  
E prende o coração deste valete,  
Que treme, pois do rei já me avizinho.

Não quero pôr de lado o meu desleixo,  
Que assim é que demonstro como sou.  
Se alguém quiser jogar, eu dou o seixo,

Pois sei por que Jesus nos perdoou.  
Da rima dos amigos não me queixo,  
Mas vejam, no soneto, simples *show*...

## 51. Meio sem jeito

Estendo estes meus versos mais um pouco  
E peço ao escrevente que me ature:  
O dia é reservado p'ra a *ouverture*;  
Não faça, só por isso, ouvido mouco.

Espere que minh'alma se depure  
E deixe de fingir-me aqui de louco.  
Se a rima evidenciar que estou mui rouco,  
Preciso que o perdão se me assegure.

Eu vou deixar o posto como vim,  
Porque não sei a tempo terminar.  
Só peço a quem me ler reze por mim,

Com sentimento nobre, ao pé do altar:  
Talvez melhore a voz e possa, assim,  
Um verso só compor, mas exemplar.

## 52. Pequenos segredos mediúnicos

Requer o nosso amigo que escrevamos,  
Utilizando as mãos como instrumentos.  
Não quer que se lhe passem pensamentos  
E permanece à espera de seus amos.

Mas, quando lhe ditamos como os ventos  
Que chegam p'ro balanço dos tais ramos,  
Esquece a pretensão de seus reclamos  
E apanha a transcrição dos sentimentos.

É puro o bom amigo na estrutura  
Que dá ao nosso verso, já de ouvido,  
Elaborando a trova com segura

Disposição dos metros, no sentido  
Que a comunicação simples se apura,  
Para informar que a rima não divido.

### 53. Sobre a exigência de qualidade

Não satisfaz o verso que lhe trago,  
Querendo sempre mais do pobre autor.  
Assim, não há quem seja superior  
Que não se perca um pouco, em texto vago.

Mas tudo o que fizemos com amor,  
Embora lhe causemos n'alma estrago,  
Vai dar-lhe a sensação de já estar pago,  
Pelo trabalho imenso de compor.

Então, o nosso amigo se alardeia  
De médium e psicógrafo poético,  
Por muito que esta trova esteja feia.

É que, coitado, o tom se dá patético,  
Enquanto o versejar aformoseia,  
Para tornar quem lê bem menos cético.

### 54. *Dancei*

Não quero programar muitos poemas,  
Pois não dou conta quando conto três.  
Depois que os faço, já *está morta Inês*,  
Sobrando para mim mais três problemas.

Quisera progredir, não tenho vez,  
Porquanto a evolução propõe os temas,  
Enquanto a rima só me traz dilemas  
E o meu compadre diz que esta já fez.

A graça, que comungo co' o escrevente,  
Me põe de pé a orelha que me coça;  
O coração se agita, dói, presente

Que melhorar a trova não se possa,  
Sem que melhor conjunto se apresente,  
Para arranjar o samba com mais boça.

## 55. Indícios de melhoria

Ressurjo dentre as Trevas para a Luz,  
Que a vela que hoje acendo é muito pura.  
A Deus eu agradeço estar segura  
Pelo cangote a turma que me induz.

Não deverei voltar à velha cruz,  
Que o meu entendimento se depura  
Na linha do evangelho, que procura  
A gente desta casa com Jesus.

Eu dito o pensamento para o médium,  
Que já traduz em versos para mim:  
Se a trova fosse minha, era de assédio

O sentimento bronco, vil, ruim.  
Porém, como hoje eu tomo o bom remédio,  
A rima vai saindo assim, assim...

## 56. Sinais de inferioridade

Do jeito que escrevi, o povo pensa  
Que nada faço aqui além de rir,  
Que cabe ao meu compadre Wladimir  
Cuidar para que a rima sempre vença.

No entanto, estou pensando no porvir,  
Que a luta pela frente é tão intensa  
A ponto de ofertar, em vez de crença,  
Apenas sofrimento a me servir.

Estico o meu assunto o quanto posso,  
Para gozar aqui de paz e amor,  
Porquanto o pessoal da luz acosso,

Pois sempre é seu trabalho superior  
Fazer com que eu melhore este meu troço,  
Usando de bons termos ao compor.

## 57. Conselhinho gratuito

Suspeito que feri algumas normas  
Da linha perenal dos versos d'ouro.  
Mas, como não cair em vil desdouro,  
Se trago cá comigo inúteis formas?

Assim, se alguém pretende *dar no couro*,  
Empreenda desde já boas reformas  
No jeito de rimar públicas-formas  
Com seu motivo próprio de calouro.

Aos poucos, seus poemas nos darão  
Razões p'ra acreditar que melhorou.  
Aí, também há fé no coração

E o pique crescerá em lindo *show*  
De cânticos felizes. Por que não,  
Se Deus é quem nos fez e perdoou?!

## 58. Desvencilhando-se do dever

Espero que o meu verso não ofenda  
A quem veio co'amor no coração  
E encontra a mesma rima, no refrão,  
E o tema sempre o mesmo, na oferenda.

Não sei como os meus mestres agirão  
No embalo da poesia sem a venda  
Que oculta da visão que se remenda  
Na forma do soneto e da escansão.

Então, vou desviando o meu projeto  
De vir falar de mim tão francamente  
E, como os bons parceiros, arquiteto

Um prisma que não seja diferente,  
Pedindo ao bom leitor seja discreto  
E reze um bom pai-nosso e siga em frente...

## 59. Recebendo incentivo

Costumo chegar perto de ofender  
A quem vem cultivar o sentimento.  
É que, para as virtudes desatento,  
Pretendo vir rimar e dar prazer.

Mas como conseguir marcar um tento,  
Se eu não me dediquei ao bem-querer,  
Apenas na esperança de poder  
Chegar ao fim da trova sem tormento?!

Os mestres me estimulam com amor,  
Dizendo que estou próximo do bem,  
Que devo dedicar-me, ao vir compor,

Em dar até meu último vintém,  
Que Deus providencia e dá valor,  
Retribuindo o esforço mais além.

## 60. Acreditando nos incentivos

A guerra co'as palavras vencerei,  
Porquanto a caridade é do leitor.  
Apenas eu me esforço por compor  
O que, nesta colônia, se faz lei.

Achei que poderia, no setor,  
Oferecer um pouco, porque sei  
O quanto necessita a minha grei  
De quem nos agasalhe com amor.

Aí, eu vislumbrei uma saída  
Para rogar ao Pai com muita fé.  
Ou seja, este meu verso ao bem convida

O amigo que me lê e logo entende  
Que deve, ajoelhando-se ou de pé,  
Orar por todos nós que a luz se acende.

## 61. Explicando a atitude

Não posso aqui deixar falsa impressão;  
Ou seja: que a turminha não faz nada,  
Apenas um versinho que lhe agrada;  
E o mais já põe na conta desse irmão.

Orar, oramos todos, que é sagrada  
A hora harmoniosa da oração;  
E, quando cá chegarem, rezarão  
Aqueles que nos dão a voz rogada.

O que não pretendemos ocultar  
É o medo de ofender com verso tolo,  
Que a rima tem poder de sublimar

O sentimento triste, ao vir dispô-lo  
Sem distinção aos pés de nobre altar;  
E a prece do leitor nos traz consolo.

## 62. Não diga: — *Não beberei...*

Caprichosos poetas desta esfera  
Cá se achegam p'ra a trova elementar.  
Há pouco, desprezavam o lugar,  
Julgando que a poesia aqui *já era*.

Mas, como tudo gira até voltar,  
Não foi longa a estadia nesta espera;  
Mesmo assim, minha mente na quimera  
Imergiu do poema, por azar.

Tento agora escrever sob a emoção  
Que senti descobrindo-me pateta,  
Mas o verso não vem do coração,

Pois, no etéreo, o sujeito logo veta  
As carícias mentais, que já não dão  
O prazer por dizer-se só poeta.

### 63. Retrato fiel

Tento unir os frangalhos nestas rimas,  
P'ra trazer a noção do em que mais creio,  
Mas o verso componho muito feio,  
Já que as dores não vão com as estimas.

Tenho inveja das trovas que hoje leio  
Dos parceiros, que dizem: — *Tu sublimas*  
*A tal forma em que aplicas tuas limas,*  
*Quando tudo é mais grácil, sem enleio.*

Meu pensar se transforma e se complica,  
Pois assim é que vejo esta existência:  
Se intrincada, a escansão julgo mais rica

E folgo em recompor, com violência,  
A estética incapaz que se pratica  
Nos âmagos dest'alma, sem clemência.

### 64. Justifica-se a trova

Ilude-se somente quem despreza  
A voz de seu amigo, cá no etéreo,  
Quem julga resolver todo o mistério,  
Sem perceber que o verso se enviesa.

O tema mais alegre é também sério,  
Porquanto estabeleço que a lei reza  
Que o prisma da verdade se embeleza,  
Se é por teu amor meu refrigério.

Por isso é que navego nestas águas,  
Imune muitas vezes contra as mágoas  
Que fazem transbordar minha escansão.

Atinjo o bom limite do cansaço,  
Limite tão sutil deste fracasso  
Dos versos que compõe meu coração.

## 65. Sobre a crença

Contígua dimensão mas tão distante  
Separa essa matéria do mistério:  
Se devo recitar um tema sério,  
Quem vem p'ra duvidar já se garante.

Preciso referir-me ao cemitério,  
Pois foi onde deixei meu semelhante  
Que tinha um corpo denso não brilhante,  
Conforme vejo aqui neste hemisfério.

A vida que deixei um dia volta,  
Mas não guarda memória do passado.  
Por isso é que o leitor jamais se solta,

Apenas por ouvir que é deste lado  
Que tem o refrigério numa escolta  
Que, atenta, vem compor algo de agrado.

## 66. Apesar de tudo

Suspeito que troquei algumas bolas  
E descrevi nos versos falsa tese.  
Então, devo sofrer, inda que pese  
Na caminhada haver gastado as solas.

A rima que elegi pede que reze  
O bom leitor, que aprende nas escolas  
Que existem os que sofrem das cacholas,  
Por quem deve fazer que o mal se enfeze.

Eu justifico, assim, que se atormente  
O pobre que chegou neste pedaço  
E vê que o sofrimento que se sente

Não faz questão de ter mais um fracasso,  
P'ra computar na trova em que apresente  
O que é melhor fazer no nosso espaço.

## 67. Uns avessos

Quiméricas questões se põem ainda  
A quem não solfejou pela lição  
Que do evangelho tiro e digo *nãõ*,  
Na forma de aplicar, em trova linda.

Por isso é que hoje peço uma oração,  
Que, mesmo sem ter fé, será bem-vinda,  
Que a caridade é luz sutil, infinda,  
P'ra quem nada oferece na escansão.

Apelo para o médium que me arrime,  
P'ra terminar meus versos como seus.  
Eu sei que tal pedido não é crime,

Enquanto estou dizendo alegre adeus,  
Sabendo que o final vai ser sublime,  
Pois tenho o coração nas mãos de Deus.

## 68. Por São Tomé!

Agito este meu vidro de remédio,  
Pois diluir a rima há de ser bom,  
Que, concentrado, é rude o nosso som,  
Impróprio p'ra saúde do meu médium.

Que bom ter a doçura do bombom,  
Ao declamar a trova deste assédio:  
Aí, quem é magrinho fica nédio,  
Julgando este meu verso de bom-tom.

Mas nada que hoje faça tem virtude  
E nunca mais terá sem que se mude  
A vibração das almas que me leem.

De que me adianta o verso repetido,  
Se sempre o meu leitor dirá: — Duvido! —,  
Que os homens só acreditam no que veem.

## 69. Pensando no leitor

Pois veja a minha rima mais completa  
E deixe o coração vibrar comigo.  
Não pense que defronta algum perigo  
Quem sofre a pena bruta do poeta.

Eu sei que, trabalhando, hoje consigo  
Compor alguma trova, pois não veta  
A inteligência forte que se aquieta,  
Se trago, simplesmente, a voz do amigo.

Preciso, ao expandir-me nesta esfera,  
Mostrar o quanto estou desenvolvido,  
Pois, doutro modo, a gente desespera

E diz de novo a frase do *duvido*,  
Relendo a rima torta que não gera  
No coração da mente algum sentido.

## 70. Panificação poética

— É brincalhão quem veio para a luz —,  
No mínimo, me diz quem não se aguenta,  
Ao ler o meu poema, e logo enfrenta  
Desejos de pregar-me em alta cruz.

Espero que não seja violenta  
A reação ao verso, pois de truz  
Eu ponho a rima p'ra trazer Jesus  
Ao campo em que este bem melhor se assenta.

Aí, não digo muito, mas demonstro  
Que longe estou daquele antigo monstro,  
Que vinha p'ra causar tanto transtorno.

O pão que hoje ofereço a minha gente  
Crepita ainda na toalha quente,  
Porque nem bem saiu do alegre forno.

## 71. Sedimenta-se a confiança

Elevo o pensamento e peço a Deus  
Que traga ao meu irmão quanto deseje,  
Na condição que o bem sempre ele enseje  
A todos que pedirem pelos seus.

Espero que este amigo não se peje  
De estar no aguardo do meu breve adeus:  
É grato vir trazer uns versos meus,  
Embora cá não veja quem dardeje.

Por pouco, a minha rima não se engana,  
Porquanto aqui citei em vão um nome,  
Mas é da natureza desumana

Deixar o semelhante inda com fome,  
Pois acho que esta trova já se irmana  
Àquela que no mundo se consome.

## 72. Versos, apesar de tudo

Não temos propensão para o satírico,  
Nem o desejo sádico da dor:  
Aspérrimo há de ser aqui compor,  
Com o conhecimento só do empírico.

Assim, quando falarmos mais do amor,  
Não veja neste verso um tema lírico,  
Nem tenha por suspeita um panegírico,  
Pois nada que se faz tem cá valor.

Apenas demonstramos o que somos,  
Que aqui colhemos uns singelos pomos,  
Para alegria interna desta classe.

Ao concluirmos qualquer trova aqui,  
Depois que cada qual se deu de si,  
Sentimos a feiura face a face.

### 73. Resultado da coerção

O resultado, então, é desastroso,  
Que o verso logo entorta e desagrada.  
Mas, como a rima é tida por sagrada,  
Passamos-lhe verniz, pois é lustroso.

Assim, nós caminhamos pela estrada,  
Caminho mui hostil e pedregoso,  
Na ânsia de sentir um tredo gozo,  
Por só ter compromisso se frustrada.

A disciplina cá reinante oprime  
E torna o desempenho até sublime,  
Pois se proíbe o gajo de se ir,

Enquanto não registre, pela norma,  
Embora não se encontre em boa forma,  
Um texto para o pobre Wladimir.

### 74. Enquadrando-se

Mas, ao fazer a trova, pega gosto  
E se propõe a mais, que o sofrimento  
Fica esquecido assim, por um momento,  
Riqueza mais plausível deste posto.

O grupo desde então se põe atento,  
Porque seu coração lhe fica exposto,  
Enquanto um bom rubor nos enche o rosto,  
Pois de vergonha nasce um sentimento.

Quiséramos deixar um nobre verso  
Em que o leitor se ponha todo imerso  
E vibre pela turma, que lhe implora

Que reze um bom pai-nosso, sem demora,  
Conforme a tal lição, cheia de luz,  
Que deu a todos nós Cristo Jesus.

## 75. Sob efeito de poesia

São poucos os que sentem cá saudade  
Dos tempos mais felizes lá da Terra:  
É que chegamos quase sempre em guerra  
E um sofrimento hostil noss'alma invade.

É certo que não vou subir à serra,  
Na hora da poesia que não há de  
Tornar-se um vitupério de maldade,  
Senão o papo aqui logo se encerra.

A turma toda gosta deste verso,  
Porquanto o seu escopo é bem diverso  
Das raivas que nos trazem mau humor.

Na hora do equilíbrio desta rima,  
A alma que sofria se sublima  
E algo já sentimos como amor.

## 76. O efeito declarado

É claro que o poeta sofre ainda,  
Que a dor não desperdiça este momento,  
Porém, a sua sina de tormento  
Não lhe parece aqui que seja infinda.

A fila que deseja o esquecimento  
Dos males não se sente na berlinda,  
Julgando cada qual será bem-vinda  
A trova que compôs sem sofrimento.

O canto que disponho em verso chocho,  
Com os seus pés quebrados, chega coxo,  
Mas traz o meu recado muito caro.

Estou feliz deveras: não bronqueio,  
Se alguém me censurar julgando feio  
O meu soneto, por não ser preclaro.

## 77. Em busca doutro efeito

Estive por um triz a desandar  
Do meu rascunho livre e folgazão,  
Mas, ao tentar o mestre, ouvi um *não*  
Que me repôs a rima salutar.

Aí, fui ler as trovas dum irmão,  
Para saber a forma de encerrar  
E foi deveras muito elementar,  
Porque pedia ao povo uma oração.

Senti o quanto é sério este dever  
E pus-me a meditar na melhor rima  
P'ra conquistar calor e bem-querer.

Não precisei compor uma obra-prima,  
Mesmo porque não tenho tal poder:  
Bastou-me requerer a sua estima.

## 78. O nosso máximo

Não veio o nosso irmão para a poesia  
Mas nem por isso o grupo descansou:  
Fizemos algo bom, p'ra dar um *show*,  
Que é tudo o que o bom mestre mais queria.

Tanta virtude amena povoou  
A mente desta gente, em fantasia,  
Que até ficou p'ra trás a nostalgia  
De termos cá voado como um grou.

Esta leveza é parte do poema  
Que quer desvencilhar-se por si só,  
Que a mente desta gente não se esprema

Na tentativa vã de causar dó,  
Porquanto o resultado é um problema  
Que se resolve quando vira pó.

## 79. A carência declarada

As penas deste grou são tão pesadas  
Que o voo prometido é bem rasante,  
Mas, quando o meu sucesso se garante,  
Eu vou dizer que as águas são passadas.

Aí me ponho a resmungar diante  
Das folhas cujo branco exageradas  
Me atíça contra mim que são culpadas  
As tais virtudes tolas do rompante.

Por isso, eu prometi trazer um verso  
Que não me desfizesse as esperanças  
E, assim, compus a trova em bem imerso,

Mas o meu mestre diz: — *Tu não alcanças  
Um mínimo que seja do universo,  
Uma luzinha só para as crianças...*

## 80. Vale como tentativa

O desafio aceito e já componho  
O texto que há de ser o campeão;  
Depois os meus leitores julgarão,  
Que eu vejo o seu semblante mais risonho.

A rima é que não veio, na escansão,  
Conforme a norma pronta com que sonho;  
Aí, meu desempenho é só bisonho,  
Mas conto com amor, luz e perdão.

Na escala de um a dez, mereço três,  
Mas torço por alguém me dar bem mais:  
É que suspeito ter um bom freguês,

Um gajo que me adora e diz: — *Tu vais  
Compor uns versos bons em que te vês  
Coberto de razão: são infernais...*

## 81. Enfim, um sentimento!

A gente faz apenas o que pode,  
Porquanto o sentimento não é tudo:  
Precisa que haja forma e conteúdo,  
Caso contrário o verso vai dar *bode*.

Um pouco de alegria, sobretudo,  
P'ra demonstrar ao povo do pagode,  
Conquanto já ninguém aqui se engode,  
Pois tenho de dizer: — *Agora eu mudo!*

Mas mudo estava quando aqui não veio  
Aquele que faltou para a poesia:  
Sem ele, não se encontra um bom esteio.

E agora mais repito, estando em *fria*,  
Que o verso se harmoniza, mesmo feio,  
Que é tudo o que o bom mestre mais queria.

## 82. Exemplo de resignação

Não quer o nosso amigo discutir  
Os temas da doutrina? - Muito bem!  
O duro é cá chegar e ver-se sem  
Ideias que hoje somem no porvir.

Faz bem o companheiro Wladimir,  
Que tudo acha bonito quando tem  
Alguém a lhe ditar o que convém,  
Para um pouco melhor no bem luzir.

Acostumado a dar de si ao povo,  
O médium mais se apruma na virtude.  
Então, vai achegando-se de novo,

P'ra que sua vontade nunca mude  
De mais servir ao Pai e sem corcovo,  
Que o bom *cavalo* aguenta esta atitude.

### 83. Pensando na comunidade

Estive examinando cada ideia  
Que me surgia, súbito, na mente:  
Nem todas eram boas, simplesmente  
Porque tremo na escola qual geleia.

Mas o que eu hoje faço de excelente  
Contém a marca exata da colmeia,  
Pois tudo se apresenta em assembleia,  
Que o mel que se produz é para a gente.

Preciso aproveitar melhor o verso,  
Deixando para traz este improvisado,  
Pois, para conquistar meu universo,

Eu tenho de mostrar ter bom juízo,  
Em ondas da emoção estando imerso,  
Equilibrando o texto em que deslizo.

### 84. Reflexão sobre a forma

A forma do soneto é conhecida,  
Embora seja frágil para o enredo  
Que representa a vida desde cedo  
Até que o gajo morra — longa lida.

Mas vou perdendo um pouco desse medo  
De ver minha poesia arrefecida.  
A musa cá do etéreo me convida  
A dar de trovador, poeta, aedo.

É claro que talento é o que me falta,  
Conquanto já componha com vigor:  
Ao menos o estribilho já não salta,

A demonstrar que entendo de compor;  
A rima corre em bando, súcia, malta,  
Mas prendo cada uma com amor.

## 85. Erguendo a ponta do véu

Entende o nosso médium ser preciso  
Trazer outras noções para a poesia.  
Ficar tecendo trovas, todavia,  
É bom até demais, se for com siso.

É claro que o soneto conteria,  
Numa medida certa, o nosso aviso,  
Porém, com pé quebrado, já não piso,  
Embora a verso anime em harmonia.

Querendo ou não querendo, faço versos,  
Que estou acostumado ao som das rimas.  
Mas, como cá no etéreo há tons diversos,

Estão ficando longe as obras-primas:  
Queria reunir os meus dispersos,  
Mas tudo se perdeu nestas enzimas.

## 86. Preparando a exposição

Sustento que não tenho a pretensão  
De exagerar nas *dicas* cá do etéreo,  
Porém, não vou guardar como mistério  
O fato de me honrar nesta escansão.

Proponho ao meu leitor que faça versos,  
Uns poucos, pelo menos, num só dia,  
E veja se alcançou fazer poesia,  
Ou se os poemas são tão só perversos.

Mas dar valor à forma é de somenos  
Que o principal está no conteúdo,  
Que é onde hoje eu mais peço, sobretudo,  
Se devo aqui trazer temas amenos.

Não devo perturbar-me simplesmente,  
Porém, devo tratar de progredir,  
Que é tudo o que requer o Wladimir,  
Primeiro a perceber se o gajo mente.

Não pude dar a forma do soneto  
Ao texto em que pretendo demonstrar  
Que tive lucro ao vir a este lugar,  
Conquanto nada deixe de concreto.

— *Paciência!* — hei de rogar ao meu leitor.  
— *Não feche agora o livro e leia ainda,*  
*Que existe uma emoção sempre bem-vinda,*  
*Nas ânsias com que venho aqui compor.*

Preciso pôr no verso uma esperança,  
No entanto, não atino com um fim  
Que não seja rogar preces por mim...  
E assim o ministério pouco avança.

As quadras já perfazem um bom número  
E o riso da caveira está nos ossos.  
Perdoe, caro irmão, estes destroços  
E cate aí no chão fêmur e úmero.

Valente, a turma toda já reage:  
Brincar também tem hora deste lado.  
O tema é de respeito pois sagrado  
É o tempo dos mortais p'ra *vernissage*.

Eu vou expor meus quadros amanhã;  
Passo verniz agora nas molduras.  
Não são as obras minhas muito puras,  
Mas brinco e os versos dou por talismã.

Pretendo aproveitar melhor a hora,  
Mas devo exercitar-me com o médium.  
Nem tudo se publica, que remédio!,  
Porém, a lei do amor é que vigora.

Trabalha hoje em silêncio o meu amigo;  
Suspira aliviado entre estas rimas:  
Ao látego que sobe tu estimas  
Que folgam tuas costas no castigo.

A hora é já chegada de encerrar:  
Preciso de uma vela para a luz.  
Recorro, finalmente, ao bom Jesus  
E rezo uma oração em seu altar.

## 87. Minha prece

Perdão, Senhor, te peço neste verso,  
Por ter tanto brincado na poesia,  
Mas juro que melhor jamais faria,  
Porque em minh'alma tudo é tão perverso...

Um sentimento simples vai disperso  
No texto incongruente p'ra harmonia:  
É o meu desejo forte, todavia,  
De compreender as leis deste universo.

Mas, como não me esforço plenamente,  
Me exponho a aqui sofrer esta vergonha  
E penso: — *Oh! Meu Deus, como é que sente*

*Aquele que me lê e já não sonha  
Em ser capaz de orar, em trova ausente,  
Tão fraca esta emoção, ruim, bisonha?...*

## 88. Exemplo pessoal

Emprego nesta trova o bom ensino  
Que tenho recebido cá no etéreo.  
Não sei se aqui terás teu refrigerio,  
Porém, o seu valor tão já declino.

Estive muito longe de ser sério,  
Porquanto aqui cheguei quase menino.  
Aí, fui atendido em lar divino,  
Onde fui conhecendo o meu mistério.

O amor dos companheiros me salvou,  
Embora tenha dado cada *show*,  
No desespero trágico da sorte.

Sou bem capaz agora desta rima,  
Cujo final me alegra e mais anima,  
Porque digo ao leitor: — *Aceita a morte!*

## 89. O circunlóquio

Aos som da voz humana peço vênia,  
Para tornar a trova mais capenga.  
É que não vou querer a lengalenga  
Do fúnebre expressar de triste nênia.

Assim, o bom poeta não arenga,  
Se tem de descrever uma gardênia,  
E fica a alimentar secreta tênia,  
Que acaba por deixá-lo mais molenga.

É que a função poética deprime,  
Se o gajo chega aqui não inspirado.  
Requer, por toda a força, algo sublime,

Mas nada que compõe lhe sai de agrado.  
Aí, pede perdão e se redime,  
Dizendo claramente: — *Mais cuidado!*

## 90. Em nome do Senhor

Alerta, companheiro, para o jeito  
Que dás à tua vida miseranda:  
Não queiras transformar numa ciranda  
O giro pelo etéreo sem respeito.

É claro que a vontade sempre manda,  
Porém, a rima pobre eu não aceito,  
Dizendo ao meu leitor não ser eleito  
Aquele que não toca em minha banda.

Mas desafino o tom, em mau solfejo,  
Tão fácil de compor se se tem luz.  
Contudo, aqui não basta só desejo:

Precisa conformar-se quem produz  
As trovas mais canhestras, como as vejo  
Na ânsia de saudar Cristo Jesus.

## 91. Em segredo

O mérito quem tem é o meu leitor,  
Que sempre chega junto e me consola.  
Eu peço compreensão; ele dá bola  
E faz-me satisfeito ao vir compor.

Eu sei que existe alguém que só se amola,  
Porque não vê nos versos seu valor:  
Queria uma poesia superior  
E não um eco surdo de gabola.

Se eu digo que está bom, este deplora;  
Se digo que está mau, o outro chora  
E diz para entender minhas virtudes.

Em crises de consciência, faço a rima,  
Pedindo ao tal amigo que me anima  
Para calar-me a boca: — *É bom que mudes!...*

## 92. O tempo urge

— *Eu quero um tempo* — pede o nosso médium.  
Ao mesmo tempo, sente-se mui mal.  
Em pouco tempo, volta ao seu normal:  
Perda de tempo, sim, não tem remédio.

Aí nos roga por um novo assédio,  
Para tornar a trova natural:  
Mesmo que o tema aqui se encontre igual,  
Não vai causar-lhe n'alma aquele tédio.

O nosso grupo gosta de mexer  
Com quem nos serve e tem por nós carinho,  
Sabendo que, ao cumprir o seu dever,

Progride o nosso amigo, de mansinho,  
E passa a quem nos lê seu bem-querer,  
Mostrando de Jesus o bom caminho.

### 93. Apesar de tudo

Jesus, a luminária do universo,  
É tema que amedronta a nossa equipe.  
O mestre mostra o tempo e diz que ripe  
Aquele que responde pelo verso.

Assim, desse evangelho fecho o zíper  
E fico em cismas mil bastante imerso.  
O mestre não se zanga por disperso  
O pensamento, até que o mal dissipe.

Não posso controlar o sentimento  
Mas devo aqui conter-me e demonstrar  
Que existe disciplina no momento

Que o grupo se apresenta neste lar.  
Então, jamais direi que não aguento  
E ponho-me a compor algo exemplar.

### 94. Exercício poético

Cansei-me do improviso desta rima  
E sobre um texto sóbrio trabalhei:  
É que o ditado agora sofre a lei  
De se chegar ao médium quem se anima.

Estou na minha vez e peço à grei  
Que reze mais por mim, o que me arrima  
No esteio em que se forma um belo clima  
Que me oferece a chance em que sou rei.

Preciso agradecer a tanta gente  
O fato de me pôr tão à vontade,  
Mas sinto um forte abalo e dou de frente

Co'ó verso arrevesado que me invade  
O coração de medo inconsequente  
E a trova se transforma, sem que agrade.

## 95. Brincando com seriedade

Não tento melhorar porque não posso  
Falar das tais virtudes que não tenho.  
O mestre pega a rima e franze o cenho,  
Dizendo p'ro tal verso: — *Eu não te endosso.*

Aí, mais me pergunto por que venho,  
Se o tema que apresento nem esboço;  
E, quando chego à mesa, é que destroço  
A trova pela qual pouco me empenho.

Não quero estimular quem me diz *não*,  
Mas poucos vão dizer que julgam justo  
O tema do discurso, e com razão,

Pois tudo que aqui faço sai a custo,  
Embora pense muito em cada irmão  
Que, ao ler a rima, sempre leva susto.

## 96. *Chez nous*

Estendo a minha mão, aperto a tua  
E junto coração com coração.  
Que mais devo pedir p'ra salvação,  
Se cá noss'alma já se põe tão nua?

Endechas cantaremos sob a lua,  
Iluminados, sim, pelo perdão  
Daqueles que, outro dia, formarão  
No time em que Jesus também atua.

A humanidade vai se reunir,  
Mas há de ser no etéreo, certamente,  
Conquanto esteja longe esse porvir.

Aí, vou te dizer que já não sente  
Aquele que se chama Wladimir  
O fardo que carrega tão contente.

## 97. Sob a luz de Kardec

Principiei a trova com tal fogo  
Que chamusquei a lira, em rude rima,  
Mas, mesmo assim, eu tive a tua estima  
E tu me ouviste quanto ao triste rogo.

É, no conjunto, que esta festa anima,  
Sem vencedor p'ra triunfar no jogo,  
Se, didaticamente, o Pedagogo  
Explica as leis de Deus, numa obra-prima.

Alegra esta poesia o meu momento,  
Porque posso falar sem mágoa ou dor,  
Que é duro ouvir na trova: — *Hoje eu lamento*

*O fato de perder o perdedor.*  
Vamos sorrir da crise, que o jumento,  
Às vezes, tem seu dia de doutor.

## 98. Desnudando o sentimento

Não tenho sentimentos de pudor,  
Que o verso me despiu a consciência.  
Então, devo seguir sem displicência,  
Que a trova é com amor que vou compor.

É certo que no etéreo a violência  
É mais sutil na forma exterior,  
Porém, quem se agasalha no vapor  
Não pode reclamar de intransigência.

As vagas se encapelam nesta praia,  
Enchendo de temor meu coração.  
Se existe, aí na terra, quem não caia

No enredo desta forte sedução,  
Também nesta **Escolinha** ninguém vaia,  
Quando o poeta pede uma oração.

## 99. Sofro ainda

Eu sei que tenho verve e que disponho  
Com muito bom humor cada versinho,  
Mas devo suspirar por teu carinho,  
Pois tu é que tens dons de ser risonho.

Não quero já perder-me no caminho  
E digo francamente que é medonho  
O resto da escansão, porquanto sonho  
Em dar-lhe tratamento de meirinho.

É que componho versos, tão somente,  
E deixo p'ra depois toda virtude.  
Aí, diz o meu médium: — *Sei que mente*

*Aquele que se trata com bom grude:  
A sopa é saborosa quando quente,  
E o tal sorve com gosto; até que mude...*

Indaiatuba, de 10.05 a 26.06.96.